

RESENHA

A violência da razão iluminista: breves considerações antropológicas sobre o filme *L'enfant Sauvage* de François Truffaut¹

Matheus Guimarães de Barros²

L'enfant Sauvage – O garoto selvagem – é um filme de 1970 dirigido pelo cineasta francês François Truffaut. O longa-metragem, baseado em uma história real, inicia-se no verão de 1798 numa floresta da França. Uma camponesa, que fazia coleta de bagas no meio da mata, assiste algo se locomover bruscamente em sua frente. Eis que surge um garoto, nu, movendo-se com apoio dos quatro membros, tal como um animal quadrúpede. Assustada com a cena, a mulher larga o cesto onde colocava as bagas e foge às pressas. O garoto, por sua vez, aproveita o “banquete” deixado para se alimentar e, em seguida, bebe água diretamente de um riacho, sobe numa árvore com admirável destreza e sente o vento e os raios de sol em seu topo.

A camponesa que havia fugido retorna ao local, dessa vez acompanhada de três caçadores armados e com bravos cachorros. Inicia-se uma perseguição. O garoto mostra uma agilidade fora do comum. Mostra, ainda, habilidade guerreira, sobretudo quando se defende do ataque de um dos cães, matando-o ou pelo menos deixando-o gravemente ferido. A perseguição continua até que o menino, provando-se conhecedor do ambiente, se esconde num estreito buraco. Um dos caçadores, todavia, atea fogo num objeto de madeira e vira a sua ponta em chamas para o esconderijo. A fumaça faz o garoto emergir, facilitando sua captura.

¹ **L'ENFANT SAUVAGE**. Direção: François Truffaut. Produção de Marcel Berbert e Claude Miller. França: Les Productions Artistes Associes, 1970. DVD.

² Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestrando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

O menino capturado é levado para uma pequena comunidade. Neste lugar, os moradores reagem à sua presença com estranhamento, curiosidade e medo. Tratam-no como uma espécie de bicho silvestre. A estadia na comunidade dura pouco, haja vista a sua transferência para a Instituição Nacional de Surdos-Mudos, em Paris. Na instituição, dois médicos o recebem: Dr. Philippe Pinel e Dr. Jean Itard. O primeiro avalia as características anatômicas do garoto: a pele, o cabelo, o formato do rosto, os olhos, a dentição, a altura, dentre outras. Um teste de audição é feito em seguida. Dr. Pinel fecha uma porta com força atrás do menino. Como este não reage, conclui pela surdez. Não obstante, um senhor que estava no mesmo ambiente assegurou que viu o menino olhando quando, na floresta, uma noz foi quebrada em seu entorno. Conclusão final: indiferente a barulhos fortes, mas atento à quebra de uma noz na floresta.

Estabelecido na instituição, o garoto “selvagem” recebe visitas de parisienses ansiosos para saber a respeito de sua história de vida, alimentação, família, etc. Querem tocá-lo, senti-lo. Das outras crianças que ali habitam, recebe um tratamento duro, por vezes sendo vítima de agressões. Um daqueles médicos que o receberam em Paris, o Dr. Itard, decide assumir a sua guarda e retirá-lo dali. O Dr. Itard já havia manifestado o desejo de estudar o garoto, verificar o seu grau de inteligência, investigá-lo enquanto um ser humano, acredita-se, privado da educação com outros de sua espécie. Da instituição para surdos-mudos, o menino passa a viver e conviver com Dr. Itard e Madame Guêrin em residência particular. Prontamente, Dr. Itard e Madame Guêrin empenham-se em transformar o garoto numa criança “normal”. Cortam as suas unhas e os seus cabelos, tentam esticar a sua coluna curvada, esforçam-se para ensiná-lo a andar com as duas pernas, a comer com talheres e a usar sapatos.

Dr. Itard assume o processo educacional com mais afinco. Seus métodos, a princípio simples, tornam-se cada vez mais rigorosos. Isso se deve, segundo explica, à incorporação progressiva dos hábitos culturais pelo garoto. Este passa a andar com as duas pernas, a entender a necessidade de usar roupas e a funcionalidade de uma vela acesa numa noite escura, a captar a posição dos pratos e talheres na mesa de refeição, etc. O jogo do seu corpo vai se tornando gradativamente mais complexo, relata o médico com entusiasmo.

O garoto “selvagem” recebe um nome, Victor, e acostuma-se à ele, de modo a virar a cabeça ou mesmo ir até a pessoa que o pronuncia. Ainda com dificuldade, emite um som articulado: “leite”. A complexidade das atividades educativas aumenta cada vez mais. Victor começa a identificar objetos reais em seus respectivos desenhos feitos de giz. Torna-se capaz

de entender as palavras, associando-as àquilo que representam no mundo concreto e consegue, inclusive, formar o vocábulo “leite” com peças de madeira em formato de letras. Para Dr. Itard, os sinais de inteligência do garoto ficam cada vez mais nítidos. Em certo momento, Victor, sozinho, confecciona um suporte para o giz. “Victor é um inventor!”, exclama o médico satisfeito pelo “progresso intelectual” do menino.

Mas todo esse processo não acontece sem abalos e perturbações psíquicas. Por vezes, Victor padece do que o médico denomina de “ataque de fúria”, contorcendo-se no chão aos gritos. Madame Guêrin coloca a culpa no Dr. Itard. Segundo ela, o doutor transforma os poucos prazeres de Victor em exercícios, de modo que o garoto trabalha muito mais do que qualquer outra criança. Dr. Itard compromete-se, então, a fazer passeios mais longos na floresta com Victor e cumpre sua promessa. Mesmo assim, o menino continua tendo os ditos ataques. Em um deles, o Dr. Itard decide castigá-lo, prendendo-o no armário. Victor chora.

Acontece que o Dr. Itard ainda quer inspirar no garoto um sentido de justiça. Para ele, todo esse treinamento, baseado nos binômios acerto-retribuição e erro-punição, foi incapaz de despertar em Victor uma ordem moral. Victor estaria simplesmente obedecendo pela recompensa e corrigindo pelo medo. Assim sendo, o médico almeja fazê-lo vivenciar algo abominável, uma verdadeira injustiça para saber sua reação. Solução: Dr. Itard castiga o menino sem razão depois de bem-sucedido na atividade. À força, tenta colocá-lo mais uma vez no armário. Victor se revolta e o morde. Diante disso, Dr. Itard conclui que o justo e o injusto já não seriam estranhos ao garoto, de modo que ele elevou-se de um “selvagem” a um “ser moral”.

Algum tempo depois, Victor foge. Vai para a floresta e bebe água do riacho, tal como fazia antigamente. Victor está mais lento e não desfruta da mesma destreza para lidar com o ambiente. Deita-se no solo e dorme. No dia seguinte, invade o poleiro de uma casa e captura uma galinha. Retira-se às pressas diante da aproximação de moradores que o chamam de ladrão. Dr. Itard, que até então acreditava ter perdido para sempre o garoto, surpreende-se com o seu retorno. Victor volta para a casa sozinho. O filme termina com a intrigante afirmação do médico a respeito do menino: “já não é um selvagem, apesar de ainda não ser um homem”.

O filme *L'enfant Sauvage* permite uma série de reflexões profundas e antropológicamente relevantes, sobretudo a respeito da temática “natureza e cultura”. Posicionando na história os acontecimentos desse longa-metragem, verifica-se que toda a sua narrativa transcorre mais ou menos uma década depois da eclosão da Revolução Francesa. Isso

significa dizer que se trata de uma época iluminista, idade da razão, em grande medida baseada na crença de um progresso social guiado pela racionalidade científica. O momento era, portanto, marcado por uma certa vontade de acumular conhecimentos. A *Enciclopédia* do filósofo francês Denis Diderot (1713-1784) talvez seja o maior símbolo dessa ânsia por coleta, classificação e sistematização de saberes a fim de promover o avanço da razão, da ciência, da técnica.

As ideias do filósofo contratualista francês Jean Jacques Rousseau (1712-1778), um dos mais importantes colaboradores da *Enciclopédia*, exerciam forte influência no referido período. Rousseau, em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, sustentou que o homem natural, melhor dizendo, o homem em estado de natureza, é um ser caracterizado pela independência, força e coragem, calma das paixões, ignorância do vício que o impede de fazer o mal e por uma piedade intrínseca diante do sofrimento alheio. Eis a figura do bom selvagem, posteriormente corrompida pelo advento do social. A sociedade, para Rousseau, traria consigo desigualdades artificiais e uma miséria até então não experimentadas pelo homem natural, transformando-o num ser dependente, frágil, medroso, maldoso e egoísta.

De acordo com Rousseau (2017), no estado de natureza o homem vivia errático pela floresta sem atividade produtiva, sem linguagem, sem domicílio, sem guerra e sem vínculo, sem nenhuma necessidade de seus semelhantes, como sem nenhum desejo de os prejudicar, talvez até sem nunca encontrar qualquer um deles individualmente. O homem selvagem era livre, bastava a si mesmo, sentia apenas suas verdadeiras exigências, só olhava para o que lhe interessava, assim como não possuía educação nem progresso intelectual, de modo a permanecer para sempre uma criança. Apesar de detentor de potencialidades inatas, estas jamais poderiam se desenvolver por si mesmas. A razão humana não poderia se aperfeiçoar sozinha.

Essas reflexões estão muito bem representadas no filme a partir dos modos de pensar do Dr. Itard. Ele sintetiza o desejo iluminista de investigação científica daquilo que se apresenta como uma incógnita. No caso, o desconhecido a ser estudado é o “garoto selvagem”. Mais do que isso, o Dr. Itard acredita que o menino, apesar da ausência de contato com outros de sua espécie, guarda potencialidades próprias que podem ser desenvolvidas mediante a educação.

Nesse sentido, Dr. Itard discorda profundamente do seu colega de trabalho, o Dr. Pinel. Este médico mostra-se convicto de que o garoto é um ser inferior, pior até que um animal, de forma a não verificar uma clara diferença entre ele e os chamados “mongoloides”. Dr. Itard, por outro lado, rebate dizendo que até os animais recebem treinamento e que em momento

algum o garoto fora educado. Enquanto o Dr. Pinel afirma que o menino foi abandonado e apunhalado pelos pais por ser “anormal”, Dr. Itard pensa o inverso, ou seja, que o isolamento social teria sido o responsável por sua “anormalidade”.

Dr. Itard acredita que o menino realmente viveu isolado na natureza desde muito novo e, assim como Rousseau a respeito do homem natural, reconhece as vantagens de se viver em tal estado. Isso fica evidente em vários momentos do filme nos quais o médico demonstra seu receio de que o garoto sinta falta de sua antiga liberdade e repentinamente fuja para a floresta, abandonando todo o processo educativo já iniciado. Dr. Itard assente que a sociedade aprisiona.

Acontece que, muito embora o filme não apresente a história pregressa do garoto, não é possível conceber que ele tenha vivido em absoluto isolamento social, privado por completo da endoculturação³. O ser humano é demasiado frágil. Falta ao homem aquilo que existe em excesso nos outros animais, isto é, uma programação instintiva que nasce com ele e que morra com ele. O ser humano caracteriza-se sobretudo pela dependência e pelo aprendizado. Deixada sozinha numa floresta à mercê das circunstâncias, uma criança tão nova certamente não sobreviveria.

O antropólogo Clifford Geertz (2019) afirma que o homem é o animal mais dependente da cultura para ordenar as suas condutas. A cultura, nesse sentido, fornece ao ser humano fontes simbólicas para que encontre seu apoio no mundo, haja vista que tudo aquilo que lhe é dado de forma inata são capacidades de resposta extremamente genéricas. Na hipótese de não ser dirigido por padrões culturais, explica Geertz, o comportamento “humano” seria ingovernável, um caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, tal como o de uma monstruosidade descontrolada e totalmente privada de intelecto. Definitivamente não é o caso do garoto.

Vale dizer que Clifford Geertz não utiliza o conceito clássico de cultura tal como formulado por Edward Tylor (2005), qual seja, um todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos que são adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. De acordo com Geertz (2019), a cultura pode ser melhor compreendida como mecanismos de controle destinados a governar o

³ Sinteticamente, trata-se do processo de transmissão e assimilação de conhecimentos no interior de uma cultura.

comportamento, ou seja, como planos, receitas, regras, instruções. Geertz admite que sem os homens não haveriam essas regras culturais, mas sem estas também não haveriam homens⁴.

O ponto crucial é que o garoto dito selvagem tem, sim, seus modos próprios de pensar, comunicar, sentir, viver que não são de modo algum inferiores aos do Dr. Itard ou do Dr. Pinel, mas alternativos, diferentes. Claude Lévi-Strauss afirma que o “pensamento primitivo” e o pensamento moderno-científico são ambos complexos, embora governados por racionalidades distintas. Para Lévi-Strauss (1987), temos um treino de capacidades mentais que os povos sem escrita simplesmente não possuem porque não precisam delas, haja vista sua total incompatibilidade com o tipo de vida que levam e a relação que estabelecem com a natureza⁵. O fato do menino não reagir quando o Dr. Pinel fecha a porta com força, mas se mostrar atento à quebra de uma noz na floresta, expressa muito bem esse argumento. Não se trata de um indicativo de inferioridade. Apesar das diferenças culturais, lembra Lévi-Strauss, a mente humana é em toda parte uma e a mesma, com iguais capacidades.

Antes do momento onde se constata que a ausência de reação do garoto diante do brusco fechamento da porta não significava sua surdez, outra cena traz elementos valiosos para um estudo antropológico. A análise meticulosa das características anatômicas do menino feita pelo Dr. Pinel pode simbolizar um juízo de que formas corporais distintas indicariam distintos modos de pensar, como se a capacidade cognitiva pudesse ser averiguada a partir de “tipos raciais”.

Franz Boas (2018), crítico incansável do racismo e da “ciência” por ele inspirada, assim como grande defensor da pluralidade de práticas culturais, fez uma série de objeções ao pensamento segundo o qual raças diferentes guardariam potenciais inatos igualmente diferentes para o desenvolvimento da cultura. De acordo com o antropólogo, essa falsa consciência da

⁴ Clifford Geertz afirma que seu conceito de cultura é essencialmente semiótico. A partir de Max Weber, pensa o homem como um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e assume a cultura como sendo essas teias. A análise cultural, portanto, não é vista pelo autor como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado (GEERTZ, 2019).

⁵ Lévi-Strauss (1987) não concorda com a expressão “povos primitivos”, usada com certa frequência por antropólogos clássicos, como Malinowski, em razão do elevado grau de etnocentrismo que carrega. Prefere, assim, utilizar a expressão “povos sem escrita”. Lévi-Strauss não enxerga os povos sem escrita como culturalmente inferiores, mas dotados de um conhecimento espantosamente exato do seu meio e de todos os seus recursos.

realidade serviu apenas para justificar uma suposta superioridade intrínseca do europeu branco, tornando todo desvio a esse tipo racial como indicativo de uma mentalidade inferior.

Acontece que não haveria, para Boas (2018), provas satisfatórias de uma habilidade mental excepcional da raça branca. Nem mesmo as conquistas civilizacionais alcançadas pelos europeus brancos poderiam ser justificadas por uma maior capacidade cognitiva, mas sim pelo curso mesmo dos acontecimentos históricos. Afinal, lembra o autor, nenhuma raça teve a oportunidade de evoluir independentemente para que a questão pudesse ser avaliada.

Fato é que o Dr. Itard, como um típico iluminista, não compartilha das impressões de Dr. Pinel. Enquanto este não acredita que o garoto seja capaz de aprendizado, aquele confia numa potencialidade congênita do menino. Por causa disso, assume a sua guarda e principia todo um processo educativo que começa por ensinar-lhe modos de utilização do corpo: andar com as duas pernas, certas maneiras de segurar talheres, abrir portas, manusear chaves, etc.

Segundo Marcel Mauss (2017), o corpo é o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico, do ser humano. Existem técnicas do corpo, isto é, maneiras como os homens, de sociedade a sociedade, tradicionalmente, sabem servir-se de seu corpo. Os modos de beber, de comer, de ver, de marchar, de nadar, enfim, de valer-se do corpo, não são naturais mas adquiridas mediante a educação. Tudo isso que tanto nos parece atos de ordem mecânica decorre de um aprendizado. Trata-se de um processo de adestramento de homens pelos homens.

De fato, podemos sustentar que o garoto selvagem já desfrutava de técnicas corporais antes de ser capturado, até mesmo porque é isso que garante segurança e presteza nos movimentos. Mas também não há como negar que o Dr. Itard buscou educá-lo tecnicamente, nesse sentido, adaptando o corpo do menino às técnicas corporais de sua própria sociedade. Afinal, como diz Mauss, cada sociedade tem seus hábitos característicos.

É curioso verificar que, apesar do estranhamento inicial, o menino absorve essas novas técnicas e, conforme o tempo se desdobra, começa a apresentar algumas dificuldades de manejar o seu corpo tal como fazia anteriormente. Mesmo quando foge da casa de Dr. Itard e Madame Guêrin, o faz correndo com as duas pernas. Sua velocidade diminui, sua perícia em lidar com o ambiente da floresta se altera bastante. O garoto selvagem não é mais o mesmo.

No transcorrer do filme, o garoto aprende mais uma série de coisas – provavelmente coisas que não sabia antes apenas porque incompatíveis com o estilo de vida que levava – e

também exibe sua capacidade de raciocínio intelectual e desinteressado. Eis uma questão instigante, especialmente quando observada a partir das lentes de Lévi-Strauss.

De acordo com Lévi-Strauss (1987), existem duas formas equivocadas de se encarar o pensamento dito primitivo. A primeira o compreende como um pensamento grosseiro, inferior, determinado unicamente para satisfação de necessidades básicas. A segunda, por sua vez, considera-o como fundamentalmente diferente do nosso, sendo dominado pelas representações místicas e emocionais. Acontece que o antropólogo sustenta exatamente o contrário, ou seja, que o pensamento dos povos sem escrita pode ser, em muitas circunstâncias, tanto um pensamento não-utilitário quanto intelectual, apesar de distinto da racionalidade científica.

Parece pertinente, ainda, destacar uma característica própria da civilização ocidental muito bem enfrentada por Pierre Clastres (1968), qual seja, a sua intolerância diante de culturas diferentes que culmina numa incapacidade de reconhecer e aceitar o outro tal como ele é. Segundo Clastres, os encontros da civilização ocidental com o homem primitivo foram quase sempre marcados pelo uso da violência, seja ela grosseira ou sutil. Nesse sentido, reflete o antropólogo, a “Razão” europeia estabeleceu o seu reinado através da coerção.

Essa tal violência está presente em todo o filme. O garoto “selvagem” teve a sua liberdade cerceada, seu modo de vida virado do avesso, para ao final tornar-se uma simples cobaia de estudos pretensamente científicos do Dr. Itard. Vale dizer que os métodos “educativos” empregados com frequência lhe causavam sofrimento e que suas manifestações de desconforto ou angústia eram comemoradas pelo médico como sinais de sucesso da empreitada – uma empreitada pautada na imposição cultural e no desrespeito pelo outro.

Pierre Clastres (1968) afirma que, para o pensamento ocidental, tudo aquilo que não é a Razão cai no campo insuportável do desatino. Loucos e selvagens seriam, dessa forma, ambos estranhos à Razão e, portanto, objetos de exclusão ou de destruição. Apesar de algumas vezes terem se levantado em “defesa” dos povos primitivos, isso não foi capaz de mudar o que marca profundamente o relacionamento civilização-selvageria: sua violência.

No filme, a última fala do Dr. Itard é emblemática. Por que o garoto já não era mais um selvagem? Pode-se dizer que deixou de sê-lo porque absorveu uma gama de práticas culturais relativas à sociedade parisiense. Mas por que ainda não seria ele um homem? Porque até então

se mostrou incapaz de absorver todas elas. Eis o raciocínio: se o menino ainda não pensa como um ocidental, automaticamente não pode ser considerado humano.

Trata-se de uma visão de homem em nada coincidente com aquela defendida por Clifford Geertz. De acordo com Geertz (2019), somos animais incompletos e inacabados que nos desenvolvemos através da cultura. Mas não da cultura em geral, e sim de formas particulares de cultura, ou seja, de sistemas específicos de significado simbólico. Diante disso, o que os homens são, para Geertz, é variado, multifacetado; de modo que tornar-se humano significa tornar-se individual. E nos tornamos individuais sob a direção de padrões culturais singulares. A fim de desfrutar de substância e verdade, uma ideia de natureza humana precisaria, portanto, estar alinhada à ideia de diversidade: um sentido do humano completamente diferente da percepção etnocêntrica manifesta pelo Dr. Itard.

REFERÊNCIAS

BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Tradução de José Carlos Pereira. 2. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

CLASTRES, Pierre. **Entre silêncio e diálogo**. In: LÉVI-STRAUSS, C. *L'arc*. São Paulo: Documentos, 1968.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Tradução de António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1987.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A origem da desigualdade entre os homens**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

TYLOR, Edward Burnett. A ciência da cultura. In: CASTRO, C. (org.). **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Recebido em: Junho de 2021
Aprovado em: Setembro de 2021.